

ENTREVISTA

MARIA IZILDA SANTOS DE MATOS: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E TRAJETÓRIA INTELECTUAL

LUÍS REZNIK

Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ (atual IESP/UERJ)
Professor Associado do Departamento de Ciências Humanas da UERJ, do PPG em História Social/UERJ e do ProfHistória/UERJ
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5844-4777>

PAULO CESAR GONÇALVES

Doutor em História Econômica pela USP
Professor do Departamento de História da Unesp/Campus de Assis e do PPG em História da Unesp
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3122-0690>

RUI ANICETO NASCIMENTO FERNANDES

Doutor em História Social da Cultura pela PUC-Rio
Professor Adjunto do DCH/UERJ, do PPGHS e do ProfHistória/PPGEH/UERJ
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1329-3570>

RESUMO: A entrevista realizada com Maria Izilda Santos de Matos registra a trajetória de vida e intelectual da professora e pesquisadora, filha de imigrantes portugueses, destacando memórias, histórias, pesquisas, pressupostos teóricos-metodológicos e contribuições ligadas ao tema da e/imigração. A professora recupera sua memória familiar, seus estudos na infância em São Paulo, a opção pela História como carreira no magistério, a experiência discente na USP, a escolha pela pós-graduação, a conciliação entre docência e pesquisa. A seguir, reconstitui seu percurso acadêmico como professora da PUC/SP e sua participação em órgãos de fomento e na formação de grupos de pesquisa nacionais e internacionais, comenta pontualmente sua importante obra e de que forma os estudos sobre e/imigração foram incorporados ao seu universo de investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Trajetória intelectual; Estudos migratórios; Memória

MARIA IZILDA SANTOS DE MATOS: MEMORIES, STORIES AND INTELLECTUAL TRAJECTORY

ABSTRACT: The interview conducted with Maria Izilda Santos de Matos records the life and intellectual trajectory of the teacher and researcher, daughter of Portuguese immigrants, highlighting memories, histories, research, theoretical-methodological assumptions, and contributions related to the theme of e/immigration. In the beginning, she recovers her family memory, her childhood studies in São Paulo, the option for History as a career in teaching, the student experience at the USP, the choice for postgraduate studies, the conciliation between teaching and research. Afterwards, she reconstructs her academic path as a professor at PUC/SP and her participation in development agencies and in the formation of national and international research groups, commenting on her important work, and how the studies on e/immigration were incorporated to its universe of investigation.

KEYWORDS: Intellectual trajectory; Migratory Studies; Memory.

Recebido em: 17/12/2021

Aprovado em: 18/02/2022

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2022v73p245-275>

Introdução

Os estudos sobre imigração, a partir da década de 1980, sofreram forte influência da História Cultural. Como resultado, o desenvolvimento e aplicação de novas metodologias, a ampliação do debate com outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, a ressignificação de antigas temáticas, a intensificação de abordagens de estudos de casos, a aplicação do conceito de cadeias migratórias, a valorização do imigrante como sujeito histórico, contribuindo, assim, para o refinamento do conhecimento da complexidade que caracteriza os movimentos migratórios. Através da análise dos aspectos culturais foi possível pautar temas cada vez mais caros à realidade presente, como as estratégias de integração e assimilação por parte dos imigrantes e da sociedade de destino, a questão da conformação de identidades e etnicidades, o associativismo, a agência da mulher imigrante, a experiência e a memória da imigração e, mais recentemente, o problema do racismo e da xenofobia, evidenciando cada vez mais as culturas em contato no mundo globalizado.

O refinamento do conceito de cadeia migratória revelou-se especialmente adequado para a compreensão dos complexos processos relacionados às migrações internacionais, e também se constituiu em um instrumento relevante para a análise explicativa das estratégias formuladas pelos grupos migrantes. Laços de parentela, amizade e conterraneidade entre os indivíduos que já se encontravam no exterior e os que ainda pretendiam emigrar possibilitaram a construção de redes de sociabilidade que garantiram a circulação de informação sobre o destino, além de facilitar a inserção dos recém-chegados no mercado de trabalho da sociedade receptora. Escolhas potencializadas pelas redes estabelecidas aquém e além-mar, com informações sobre o destino, sobre mercado de trabalho, entre outros, desenvolvidas no âmbito de relações coletivas em que o potencial emigrante se sentia apoiado, serviram de base para a decisão de ficar ou partir.

Os estudos migratórios passaram a considerar, portanto, os emigrantes como sujeitos históricos capazes de perseguir seus objetivos e mobilizar para tais fins os recursos que possuíam à sua disposição. Nessa perspectiva, os migrantes tornaram-se um encadeamento das relações estabelecidas com os membros de uma mesma comunidade e a migração deixou de ser entendida

como um processo de ruptura para revelar-se um processo de continuidade das relações construídas e mantidas entre os dois polos envolvidos. Entretanto, os movimentos migratórios não são fenômenos exclusivamente individuais. Eles também carregam consigo uma complexidade de fatores econômicos que não devem ser negligenciados, visto que os deslocamentos populacionais ocorrem em uma realidade mais abrangente.

Na historiografia brasileira, além dos aspectos econômicos, uma série de estudos problematizou o processo de integração cultural do imigrante na sociedade nacional. Enfocando aspectos sociais e culturais, esses trabalhos analisam as estratégias de interação entre imigrantes e nativos, as questões de gênero vinculadas aos papéis sociais destinados aos imigrantes aportados no Brasil, os processos de assimilação e apropriação de valores e práticas culturais como estratégias de constituição de novas identidades e integração dos imigrantes nas regiões onde se fixaram. Valorizam-se as escolhas dos emigrantes, que passaram a ser considerados como atores racionais que perseguiram objetivos e mobilizavam para tais fins os recursos que possuíam à sua disposição. Essa nova abordagem dos estudos migratórios, ao relacionar os países de origem e os países de recepção dos migrantes, permitiu perceber tais deslocamentos, como mecanismos migratórios que são colocados em funcionamento por diferentes atores, individuais e coletivos, envolvidos no processo.

No que tange à investigação, outro ponto a se destacar, é a formação e ampliação de redes de pesquisa englobando estudiosos de diferentes regiões nos quatro cantos do mundo. Esse intercâmbio de pesquisadores proporciona o desenvolvimento de trabalhos em conjunto, sob diferentes perspectivas, enriquecendo o debate teórico-metodológico, a incorporação de novas fontes, além de ampliar temas, objetos e preocupações de pesquisa.

É nesse contexto historiográfico, inclusive na constituição de redes de investigação nacionais e internacionais, que se situam os estudos sobre e/imigração e boa parte da trajetória acadêmica de nossa entrevistada, Maria Izilda Santos de Matos, Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pesquisadora 1A do CNPq.

A entrevista a seguir foi realizada no dia 18 de abril de 2019, pela manhã, na residência da entrevistada, na cidade de São Paulo. Buscamos registrar a trajetória de vida e intelectual da professora e pesquisadora, filha de

imigrantes portugueses, destacando memórias, histórias, pesquisas, pressupostos teóricos-metodológicos e contribuições ligadas ao tema da e/imigração. Cabe lembrar que a obra da professora ultrapassa o tema, com pesquisas e orientações no campo da História das Mulheres, do Cotidiano, do Corpo, da Música – histórias que dialogam entre si e com a temática das migrações.

No início da entrevista, a professora Maria Izilda recupera sua memória familiar, seus estudos na infância em São Paulo, a opção pela História como carreira no magistério, a experiência discente na Universidade de São Paulo, a escolha pela pós-graduação, a conciliação entre docência e pesquisa. Depois, reconstitui seu percurso acadêmico como professora da PUC/SP e sua participação em órgãos de fomento e na formação de grupos de pesquisa nacionais e internacionais, comenta pontualmente sua obra – sobre imigração, música, cidade, gênero, mulheres – e de que forma os estudos sobre e/imigração foram incorporados ao seu universo de investigação. Percebe-se, assim, importante e reconhecida trajetória acadêmica consolidada em mais de três centenas de artigos, livros e capítulos de livros publicados, cerca de 130 orientações de mestrado, doutorado e supervisões de pós-doutorado, além da coordenação e participação em grupos de pesquisa nacionais e internacionais.

E: Professora Maria Izilda, agradecemos a sua disponibilidade em nos conceder a entrevista. Poderia nos falar sobre suas origens familiares?

Maria Izilda: Eu agradeço a possibilidade de estar conversando com vocês. Sou filha de imigrantes portugueses trasmontanos, que se estabelecem na cidade de São Paulo nas décadas de 1920. A maior parte da trajetória da família ocorreu no bairro de São Judas, que tem uma significativa presença de imigrantes portugueses. Foi nessa família portuguesa, fiel às suas tradições, que cresci, saboreando as comidas das minhas avós, mãe e tias; tradições também marcadas pela religiosidade e valores éticos. Na minha infância e juventude não tinha consciência disso, depois, hoje, lembrando o convívio familiar, essas referências emergem.

E: Os seus pais são portugueses. Eles vieram com os pais deles para o Brasil?

Maria Izilda: Sim. Meus avós paternos vieram para o Brasil várias vezes, até que se estabelecerem definitivamente. Nesta ocasião, meu avô veio primeiro com o filho mais velho (Francisco) e depois, através de carta de chamada, veio a esposa com as outras crianças. A família se estabeleceu no bairro de São Judas, eram de origem muito humilde, meu avô trabalhou como motorneiro de bondes, na Companhia Light de São Paulo.

E: E você sabe as razões pelos quais ele veio?

Maria Izilda: Em Portugal, meus avós tinham uma taberna na aldeia onde viviam (Talhas). Nas memórias familiares, não se preservou um motivo direto para saída, acho que as razões não foram de ordem econômica, mas, que eles estavam movido pelo dito “sonho americano”, o imaginário que circulava em Portugal, no qual o Brasil era visto como um país de possibilidades. Meus avós vieram direto para São Paulo, tinham aparentados e conterrâneos estabelecidos na cidade.

E: Você tem o passaporte de seus avós? Com qual idade seu pai chegou?

Maria Izilda: Eu tenho o passaporte original, é um passaporte coletivo, junto com minha avó, estavam meu pai (Antônio), sua irmã mais velha (Maria) e a irmã mais nova (Céu da Glória). Tem uma história pitoresca. A família não veio subsidiada, eles vieram por sua conta, para que meu pai pudesse pagar uma passagem menor, diminuíram a idade. Todos os anos ele dizia: “hoje eu faço

tantos ... anos, mas na realidade eu tenho dois anos a mais”. Meu pai veio pequeno, com sete anos. Ele não tinha muitas lembranças de Portugal, os irmãos mais velhos (Maria, que já veio com 9 anos e Francisco, o mais velho) se lembravam das pessoas, do cotidiano na aldeia em que moraram e guardavam essas memórias.

Minha avó paterna (Maria) tinha uma casa muito bem cuidada, era um pedacinho de Portugal no Brasil. Durante muitos anos foi simplesmente a casa, o jardim e a horta da minha avó, mas, quando eu tive a possibilidade de conhecer Portugal e ampliar os estudos sobre imigração portuguesa, me conscientizei que era a reconstrução de Portugal naquela moradia. O jardim era como os portugueses, coexistindo a parreira e a laranjeira, sempre muito bem cuidadas, com o cravo, dália, alecrim, couves e outros temperos, uma mistura de frutos, flores e verduras, os aromas são inesquecíveis. É uma pena a casa não exista mais, contudo, nas minhas memórias ainda se mantém as imagens e aromas, era uma reconstrução do jardim português no território de imigração. No interior da casa, continham as imagens dos santos de devoção e as toalhinhas bordadas e engomadas, mostrando os talentos femininos.

E: E da parte de sua mãe?

Maria Izilda: Meus avós maternos chegaram na década de 1920. Meu avô tinha o ofício de sapateiro e continuou exercendo em São Paulo. Durante anos ele fazia sapatos e polainas, trabalhava para uma loja muito refinada no centro da cidade; ele sempre contava que fazia sapatos e polainas para o Dr. Prudente de Moraes, orgulhava-se do apuro no seu ofício.

Eles vieram também de Trás-os-Montes, mas, as famílias não se conheciam, eram aldeias distintas. Em São Paulo, se estabeleceram no bairro de São Judas, onde meu avô tinha sua oficina na própria casa. O casal teve cinco filhos, o mais velho (Antonio) e quatro filhas (Alcina, Maria, Conceição) e minha mãe (Emília,) que era a filha mais nova. Ainda meninas, minhas tias e minha mãe, foram trabalhar numa oficina de bordado e se profissionalizaram nessa área, todas tinham “mãos de fadas”. A proprietária da oficina era também portuguesa, produzia alta costura em cama, mesa, banho, lingerie e enxoval

de bebê, esses produtos eram totalmente feitos e bordados à mão. A clientela era uma elite seleta e refinada.

As meninas entravam na oficina como aprendizes e iam desenvolvendo talentos. Minha mãe trabalhou até os 84 anos, sempre muito ativa e dedicada, adorava o que fazia, ela teve uma oficina de bordados. Cabe lembrar que muitas moças mantinham atividades enquanto solteiras e paravam de trabalhar no momento em se que se casavam ou quando da maternidade; para geração da minha mãe o casamento era um momento de corte da trajetória de trabalho. Mas, no caso da minha mãe e tias, por necessidade e/ou pelo gosto, a função se estendeu até uma idade bem avançada.

E: Onde os seus pais se conheceram?

Maria Izilda: Os meus pais se conheceram na igreja de São Judas. A igreja era um polo articulador de fé e também de sociabilidade. Muitas vezes, em uma família de moral rigorosa, as jovens não podiam frequentar bailes, festas, só as da família, mas, ir à igreja estava liberado. Meus pais moravam na mesma vizinhança e pertenciam a Paróquia de São Judas, que era uma igreja pequena, hoje é um santuário muito grande, o santo tem muitos devotos. Eles se conheceram nesta igreja, meu pai era Congregado Mariano e minha mãe Filha de Maria. Depois de casados moraram nas proximidades, onde também residiam seus pais e irmãos.

E: Qual era a ocupação do seu pai e da sua mãe?

Maria Izilda: A primeira atividade que meu pai exerceu foi de aprendiz de padeiro, numa padaria de portugueses. Os meninos que aprendiam o ofício, moravam na padaria e vinham para casa a cada 15 dias. Era um serviço muito árduo porque tinha que acender o forno na madrugada, os meninos dormiam em uma esteirinha junto ao forno, como se dizia, no borrarho. Exerceu esta função na padaria durante algum tempo e depois foi para o comércio. Ele sempre dizia que realizou seu “sonho americano”, que “consegui aqui o que nunca conseguiria em Portugal”, foi muito bem-sucedido. Não é uma exceção os portugueses serem bem-sucedidos área do comércio, este foi um campo de possibilidades. Meu pai trabalhou durante 60 anos numa empresa alemã, que importava e produzia material técnico muito específico: válvulas, gaxetas,

barômetros, termômetros para setores industriais. A companhia chamava-se DOX, ele chegou ao cargo de Diretor de Vendas. Foi uma vida de muito trabalho e dedicação, o que marca não só a trajetória dos meus pais, mas, de outros aparentados

Acho que os portugueses têm habilidades para o comércio e vários obtêm sucesso nessa área, logicamente que as chances foram diferenciadas, bem como, as aspirações eram variadas, para alguns o desejo era de ter a casa própria, o próprio negócio, uma carreira, exercer uma atividade que viabilizasse a realização, para outros, o sonho era de poder dar educação (escolar) aos filhos.

Como, já rememorei, minha mãe bordou a vida toda. Ela bordava profissionalmente, adorava o que fazia, teve uma oficina de produtos bordados de cama, mesa e banho que a princípio eram feitos à mão e depois à máquina, a criação dos motivos e dos desenhos (riscos) era dela.

E: E nessa perspectiva nunca se pensou o retorno, por exemplo?

Maria Izilda: Não. Os meus pais nunca retornaram a Portugal, nem para visitar/passear, apesar de ter condições financeiras de fazê-lo. Eu tive um tio (Alcino) que veio mocinho, ele era muito hábil como marceneiro e foi muito bem-sucedido, teve a maior fábrica de tacos de São Paulo no momento (décadas de 1950- 1970) em que a cidade passou por um boom de construção civil. Ele voltou várias vezes a Portugal, não sei se era porque veio adulto e ainda mantinha relações com a família. Depois de aposentado, ele passava seis meses no Brasil e os outros seis meses, em Portugal. Tinha condições econômicas, o prazer do convívio e chegou a adquirir um imóvel na cidade do Porto. Eu estou rememorando esse meu tio, devido a múltiplas vezes que retornou, ele tinha gosto de ir e usufruir do convívio com a família que permaneceu.

E: Vieram outros familiares?

Maria Izilda: Sim, vieram, a emigração funcionava em redes, a família mandava chamar aparentados por motivos conjunturais. No caso do meu pai, ele teve uma tia que morreu em Portugal, as filhas ficavam órfãs e sem grandes perspectivas, então chamaram as duas primas para São Paulo.

E: Como era a percepção de ser filha de imigrantes portugueses?

Maria Izilda: A minha casa tinha a presença das tradições portuguesas, como já disse, na gastronomia, na religiosidade e nos momentos de festividades. O meu pai era admirador e gostava de ouvir as canções portuguesas. A minha geração (irmã e primos), quando jovem, apreciava a gastronomia e gostava de escutar as memórias, mas, não tinha uma identificação com essas heranças, nos considerávamos brasileiros, o sentimento de brasilidade foi incorporado. No meu caso, eu tive oportunidades de retorno as tradições através dos estudos que realizei desde a pós-graduação.

O meu nome Izilda vem de uma devoção dentro da comunidade portuguesa, a da menina Santa Izildinha, que era irmã de um Comendador português muito bem-sucedido no ramo de conservas alimentícias. Izildinha faleceu em Portugal com a idade de 15 anos, quando da exumação, o corpo encontrava-se intacto e foi trazido para São Paulo sendo enterrado no Cemitério São Paulo, iniciando peregrinações ao túmulo frente a notícia de que a menina fazia milagres. Nesse momento, o Comendador mudou o nome dos produtos da sua fábrica para Izildinha, com a imagem da menina reproduzida na lata ou no vidro do produto. Os produtos Izildinha passaram a financiar a Hora da Ave Maria, um programa de rádio com grande audiência, capitaneado pelo afamado radialista Pedro Geraldo Costa, assim, a devoção se generalizou. Era a primeira vez que uma devoção era difundida pelo rádio, junto com a propaganda dos produtos Izildinha.

Quando o comendador transferiu sua fábrica para Monte Alto (interior de São Paulo), levou o corpo da menina e lá, construiu um grande mausoléu, mantendo a devoção e as peregrinações. Quando vendeu sua fábrica para a Cica, quis trazer o corpo de volta para São Paulo, mas, a cidade de Monte Alto não aceitou. Izildinha não é uma santa reconhecida pela Igreja católica, era/é uma devoção popular, muito presente na comunidade portuguesa. Ainda hoje, mesmo com túmulo vazio, devotos frequentam o túmulo no Cemitério São Paulo, deixando ex-votos (flores e brinquedos) frente a graças alcançadas, particularmente, pela saúde das crianças.

Minha mãe se envolveu com culto e quando eu nasci, em homenagem a menina Izildinha, me deu este nome. Na Capital e nos interiores do estado de São Paulo, várias pessoas que têm esse nome (Izilda, Izildinha, Izildo, Maria

Izilda) são da minha faixa de idade, já que o culto foi muito difundido nesse período; em Portugal, o nome não tem esse recorte geracional e da devoção. Eu tive a oportunidade de examinar uma tese na Unesp de Franca sobre a devoção à menina Izildinha, uma pesquisa muito bem-feita, com fontes cartoriais, entrevistas, anúncios dos produtos, entre outros documentos. Foi dessa forma que eu soube da origem do meu nome, quando mostrei a tese para minha mãe e ela dizia... “é isto mesmo”.

E: Conte-nos um pouco sobre sua infância e escolaridade.

Maria Izilda: Fiz o ensino primário (primeira parte do Ensino Fundamental) num colégio religioso - Instituto Santa Amália. Já o ginásial e o colegial fiz em escola pública - Colégio Estadual Villalva Júnior, localizado no bairro onde morava. Realizei minha instrução em uma escola pública de qualidade, o que me possibilitou uma boa formação e garantiu a aprovação no vestibular da USP. Nessa época, o ensino público era de qualidade, com professores muito competentes e dedicados. Tive uma professora de história durante o curso de ginásial (D. Dolores) que me estimulou o gosto pela disciplina, despertando a curiosidade de conhecer outras culturas e civilizações, outras experiências no passado. Ela era uma muito erudita, viajada, especialista em egiptologia, envolvia os alunos contando histórias sobre o Egito Antigo. Um bom professor pode inspirar o gosto por uma área e até a escolha de uma profissão.

E: Vamos falar então de sua escolha pela História.

Maria Izilda: Eu prestei o vestibular com apenas 17 anos, nesta idade não se sabe muito bem o que se quer. Eu vinha de uma família imigrante na qual os valores do trabalho e as possibilidades profissionais eram importantes. Eu me questionava se deveria optar por uma área que oferecesse melhores possibilidades no mercado de trabalho ou se devia estudar algo que realmente gostasse; apesar das indefinições, prestei o vestibular para o curso de História.

E: Seus pais apoiaram? Quando você foi fazer a faculdade de história, a perspectiva era de ser professora?

Maria Izilda: Sim, sempre recebi apoio. O sonho da minha mãe era que as filhas fossem professoras. Minha irmã fez curso normal, faculdade de pedagogia e se tornou professora primária. A princípio, meus pais não projetavam que fizéssemos curso superior, ser professora de história, já seria uma realização, pelo menos para a minha mãe, de queria tanto as filhas professoras.

A princípio, minha perspectiva era ser professora. Minha geração de alunos do curso de história não tinha outras possibilidades profissionais, além do magistério. Hoje os alunos, que não querem se dedicar ao magistério, sinalizam com perspectivas de trabalhar em arquivos ou museus.

E: Quando você entrou na faculdade?

Maria Izilda: Eu entrei na USP em 1976. Ingressar numa universidade pública era concorrido, a USP era/é considerada de excelência. A ida para USP significou uma ampliação de horizontes, a saída de um território bem definido de vivência cotidiana, o bairro no qual minha família (pais, avós, tios e outros parentes) morava, também, onde eu estudava e frequentava o clube. A Cidade Universitária era de um outro lado da cidade, o acesso era difícil, demorava cerca de duas horas de ônibus. Foi uma ampliação de horizontes pelo convívio, a USP tinha estudantes de várias regiões de São Paulo, de outras cidades e estados.

Era um momento muito repressivo, a Universidade sofria um grande controle, uma vigilância constante sobre os professores, alunos e o Centro Acadêmico. Vários professores do Departamento de História tinham sido cassados e outros aposentados, além disso, a bibliografia utilizada passava por filtros. Apesar dessa realidade, foi uma experiência que gerou novas inquietações, ampliou horizontes intelectuais e políticos, possibilitou novas amizades, sociabilidades, como frequentar o cineclube e viajar com os colegas.

E: A universidade é um ritual de passagem muito impactante para muitos.

Maria Izilda: É lógico que as trajetórias são múltiplas. Eu fiz o curso na USP sempre no período noturno e trabalhando durante o dia. Por parte dos professores percebia-se cuidados sobre o que falar, de quem falar, com quem falar e sobre a abordagem. Tínhamos um conjunto de professores com uma abordagem mais tradicional-positivista e uma nova geração que apresentava

perspectivas mais inovadoras (Escola dos Annales). Lembro-me das aulas dos professores Fernando Novaes, José Jobson Arruda, Carlos Guilherme Mota, Augustin Wernet, foi com este professor que pela primeira vez li Walter Benjamin, Hannah Arendt e conheci os autores da Escola de Frankfurt, Augustin dava aulas de Teoria da História, era muito erudito, conhecia muito bem os Frankfurtianos.

E: Você já lecionava?

Maria Izilda: Durante o meu curso de história comecei a lecionar no ensino médio e fundamental (ginasial), trabalhava no Colégio Objetivo, foi um grande desafio aprender a dar aulas. Permaneci no Objetivo mais de 10 anos, também contribuía na elaboração do material didático. As salas de aula eram muito grandes, assim, o professor tinha que garantir o conteúdo e dar aulas envolventes mantendo a atenção dos alunos. Essa experiência me ajudou quando fui para o ensino superior, porque considero importante que o docente aborde um conteúdo, demonstre conhecimento e erudição, traga discussões, mas, deve fazê-lo de forma didática e envolvente para os alunos. A convivência no Objetivo foi muito enriquecedora, tinha colegas com muita competência e aprendi muito com eles. Foi um destes colegas (Prof. Alves) que me abriu possibilidade de lecionar no ensino superior, me convidou para dar aulas na Faculdade São Luís e Nossa Senhora Medianeira, dos padres jesuítas, e também na FACESP/FECAP (Faculdade de Administração, Contabilidade e Ciências Econômicas de São Paulo/Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado).

E: Havia dificuldades para dar aula, concomitantemente aos estudos na Universidade?

Maria Izilda: Apesar da minha família ter estabilidade econômica, eu tinha expectativa de trabalhar e ter autonomia. No começo, quando ainda era estudante do curso de História, para dar aulas precisava anualmente ter autorização da Secretaria de Ensino, para tanto necessitava da Certidão de Antecedentes Criminais e Políticos, que era retirada no DEOPS. Eu não tive grandes inserções políticas, mas, frequentava o Centro Acadêmico e, como outros estudantes, era observada. Com medo, passava um dia inteiro no

DEOPS e ao final saía satisfeita por ter conseguido o documento. Eu lecionava história, mas, também ministrava aulas de EPB, OSPB e Educação Moral e Cívica, o conteúdo que eu dava nessas disciplinas não era apologético ao regime, mas, com uma postura crítica e de resistência.

E: Em que medida você avalia que o seu curso de graduação na USP lhe instrumentalizou para ser professora de história?

Maria Izilda: O curso na USP era dividido em duas etapas: bacharelado e licenciatura. Podia-se fazer só o bacharelado e não cursar a licenciatura. O bacharelado trabalhava diferentes temas, questões e períodos da história, era um curso que poderia chamar de conteudista, não tínhamos atividades que implementassem ou estimulassem a pesquisa, na minha geração não existia Iniciação Científica. No quarto ano, quem quisesse fazia a licenciatura, que era realizada na Faculdade de Educação. Quando eu fui fazer a Licenciatura, já estava lecionando e tinha experiência de fazer planos e preparar aulas, formular avaliações, elaborar exercícios e apostilas, essas atividades faziam parte do meu cotidiano. Se aprende a ser professor(a) na prática da sala de aula.

E: Você teve outras experiências como professora na Educação Básica?

Maria Izilda: Em paralelo ao Objetivo, tive oportunidade de trabalhar no Colégio IL Peretz, era/é um colégio judaico localizado na Vila Mariana, foi uma experiência muito marcante. Dividia as aulas de história com o professor Nicolau Sevchenko. A equipe gestora da escola articulava as disciplinas por eixos temáticos, me lembro de uma experiência que tivemos sobre a imigração e memória judaica. O asilo judaico ficava bem próximo da escola e os alunos foram fazer entrevistas, também entrevistaram os avós (vários que vivenciaram a II Grande Guerra, alguns que passaram por campos de concentração), depois montamos uma exposição no Centro Cultural Vergueiro, foi um sucesso. Todos os anos, vinham professores visitantes de Israel, esses davam história judaica e hebraico, também, fazíamos atividades integradas. Foi uma experiência enriquecedora, me dediquei muito e sempre tive apoio e valorização da direção.

E: A escola ainda está em funcionamento?

Maria Izilda: Sim. O Colégio IL Peretz tem uma presença marcante na comunidade judaica. Acolhe alunos de diferentes setores sociais e poder aquisitivo. Gita Guinsburg (esposa do Jacó Guinsburg da Editora Perspectiva) foi por muito tempo a diretora do colégio.

E: Nessa sua trajetória ainda como professora, você trabalhou em alguns projetos de pesquisa como auxiliar, muitas vezes com orientação de professores da Universidade, em algumas editoras.

Maria Izilda: Como dito, durante o curso de história não tínhamos atividades de pesquisa, mas, eu pesquisava para preparar as aulas, materiais didáticos e apostilas. Depois de formada, fui convidada para compor a equipe de elaboração de uma enciclopédia de história do Brasil para a Editora Abril. Nesta na época, se vendia enciclopédias em fascículos, nas bancas de jornais, a maior parte desse material vinha da Europa, era traduzido e adaptado aqui. Após o sucesso editorial de uma enciclopédia de história (*O Nosso Século*), a Abril resolveu inovar incorporando a produção acadêmica brasileira e convidou o professor Fernando Novais para coordenar o projeto e dirigir a equipe de uma enciclopédia batizada de *SAGA – Grande história do Brasil*. Além da coordenação geral, Fernando Novais dirigiu a equipe de Colônia, Arnaldo Contier, a de Império e Jobson de Arruda, o grupo de República. Foi um projeto longo, durou vários anos (1980-83), entre outros participantes me lembro da Laura de Mello e Souza e Vera Ferlini. Para a enciclopédia, fazíamos a pesquisa de documentos e imagens inéditos, pesquisei no Arquivo do Estado, Museu Paulista, IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) e Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Trabalhei na área de Império, com o Arnaldo Contier, ele era muito exigente e rigoroso. Aprendi muito com essa experiência, incorporávamos uma produção historiográfica recente, produzimos um material de qualidade, com temas e perspectivas emergente na própria universidade. Era muito trabalhoso, eu fazia e refazia a pesquisa e os textos, o que permitiu um conhecimento e inserção na historiografia do Período Imperial, inclusive, abordando questões de imigração.

Ainda na Abril, a Editora Hildegard Feist me convidou para fazer os verbetes para um *Dicionário Histórico Biográfico* (1983), que também saiu em fascículos. Na sequência, ela foi trabalhar na Pedro Paulo Poppovic Editores,

numa enciclopédia denominada *Grandes Fatos do Século XX (1984-1985)*, fui convidada para compor a equipe em conjunto com o Arnaldo Contier e Nicolau Sevcenko. A matriz (textos e imagens) vinha da Espanha, reduzíamos os textos de história geral e introduzíamos uma parte de Brasil. Essas experiências desafiaram o exercício cotidiano de escritura, “aprendi a escrever”, o que me facilitou em outras etapas como na pós-graduação, com a escritura da tese.

E: Foi nesse momento que resolveu fazer pós-graduação?

Maria Izilda: Sim, na sequência fui fazer pós-graduação, decidi continuar os estudos e as pesquisas. Inicialmente, em 1986, entrei na PUC/SP, ainda não tinha um tema definido. Cursei um ano, tive a oportunidade de novas leituras e discussões que me possibilitaram a descoberta do tema: as indústrias de sacaria para o café. Em 1987, iniciei o mestrado na USP, com a orientação do professor Jobson de Arruda, com quem tinha trabalhado no Objetivo e na SAGA. Comecei a fazer a pesquisa e a documentação foi ampliada, com visitas a várias instituições, como: Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Associação Comercial de Santos, Hemeroteca, Arquivo do jornal a Tribuna de Santos, Arquivo de Cubatão, Arquivo do Estado de São Paulo, Arquivo Municipal, Sindicato de Fiação e Tecelagem (São Paulo), Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto Agrônomo de Campinas (Campinas) e Escola de Agronomia Luís de Queiroz (Piracicaba). Eu tive a sorte de conviver com uma colega da Universidade Federal Fluminense (UFF) a professora Sônia Regina de Mendonça, tínhamos interesses temáticos convergentes, algumas vezes trocamos documentação, quando eu precisava de documentos de arquivos do Rio de Janeiro, ela me enviava (caso da Sociedade Nacional de Agricultura), eu retribuía, quando ela precisava algo de São Paulo.

Quando da qualificação, a banca (composta pelos professores Tereza Petrone e José Sebastião Witter) indicou a passagem para o doutorado direto. Eu tinha coletado um amplo e diversificado corpo documental e trazia uma abordagem diferenciada sobre as questões da industrialização ao focalizar as indústrias de sacaria; a proposta foi considerada contributiva por intercruzar temas eleitos pela historiografia paulista como café, indústria, trabalho, movimento operário e imigração. Essas fábricas de sacaria tinham

peculiaridades, eram poucas e muito grandes (constituíram-se em Truste), a Companhia Nacional de Tecidos de Jutas foi a maior indústria do Brasil, até meados da década de vinte do século XX. O projeto incluía uma parte inicial sobre história das indústrias, seguida da análise sobre as relações de trabalho e resistências operárias e, na sequência, discutia as polêmicas em torno das ditas “indústrias artificiais”, que envolviam confrontos entre cafeicultores, industriais de juta e ruralistas, incluindo os discursos agrônômicos.

E: Que vai resultar no livro *Trama e Poder*.

Maria Izilda: Sim, o livro *Trama e Poder: trajetória e polêmica em torno das sacarias para o café (1888-1934)* é fruto do meu doutorado. Eu cursei as disciplinas do doutorado, desenvolvi a pesquisa e escrevi o trabalho em quatro anos (1987-90), a tese foi defendida em maio de 1991. Neste período, já estava dando aula na PUC/SP, onde ingressei em 1987.

Para o doutorado, cursei disciplinas no Programa de Pós-Graduação em História na USP, na PUC/SP e na Unicamp (com o professor Edgar de Decca). Já tinha todos os créditos necessários, quando fui fazer um curso (como ouvinte) na sociologia da USP, com professora Elizabeth Souza Lobo, considero que foi um marco transformador na minha pesquisa e trajetória. A área de especialidade da professora Elisabeth era sociologia do trabalho. Na primeira aula do curso, quando apresentei meu tema de investigação - as indústrias de sacaria, ela me perguntou: “Dos trabalhadores dessas indústrias quantos eram do sexo feminino?”, respondi na aula seguinte: nas de fábricas de fiação e tecelagem de juta 75% a 78% do operariado era composto por mulheres, além de um outro grupo de mulheres (não quantificável) que costuravam à mão os sacos de juta nos seus domicílios. Possuía os dados, mas, não tinha observado as mulheres, a partir de então, a perspectiva de observar as experiências femininas nunca mais foi abandonada.

Os questionamentos e a bibliografia cresceram, as abordagens se transformaram (Michelle Perrot, Françoise Thébaut, Daniele Kergoat, Ivonne Verdier, Joan Scott e Louise Tilly sobre as mulheres na Revolução Industrial Inglesa, incluindo a História social inglesa com destaque para E. P. Thompson e Raymond Williams). Observando as operárias nas indústrias e as costureiras de sacaria, identifiquei que estas eram, majoritariamente, imigrantes italianas

e portuguesas. Os milhares de sacos que transportavam o café eram todos costurados à mão nos domicílios, era um trabalho sazonal realizado nos bairros operários de São Paulo (Mooca, Brás, Belém e Barra Funda) e também no porto de Santos, com expressiva presença de portugueses, muitos vindos da Ilha da Madeira.

Depositei a tese em dezembro/1990 e defendi em maio/1991, no ano seguinte, o trabalho ganhou o prêmio da CNI/SESI (Confederação Nacional das Indústrias) de melhor tese sobre a industrialização no Brasil, o meu parecerista no concurso foi o professor Francisco Foot Hardman. A primeira edição do livro *Trama e Poder* foi feita pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), depois vieram outras 6 edições, esta obra é também muito consultada nos cursos de história econômica, nas faculdades desta área.

A titulação me abriu possibilidades de trabalhar no pós-graduação da PUC/SP e também, estimulada pela professora Elisabeth Lobo, fundar o Núcleo de Estudos da Mulher da PUC/SP (1991), juntamente, com as colegas Dulce Amarante dos Santos e Maria Angélica Soller.

E: Por que não seriam estudos de gênero?

Maria Izilda: Nesse período se fazia história das mulheres. Quando pesquisei as operárias e costureiras de sacarias recuperei as condições que enfrentavam no cotidiano de trabalho: longas jornadas, baixos salários, questões de insalubridade, também, apontando suas formas de resistências, questões presentes na documentação patronal e na imprensa operária, como outras historiadoras das mulheres tinha como foco central dar visibilidade às mulheres. A categoria/perspectiva gênero surgiu no correr da década de 1990, e, se difundiu frente aos questionamentos de que a história das mulheres não era suficiente para perceber as especificidades das experiências femininas e que algumas abordagens acabaram heroicizando ou vitimizando as mulheres. Foi a partir dessas críticas, que a categoria/perspectiva gênero se expandiu, propondo uma análise relacional das experiências de homens e mulheres, observando especificidades e diferenças, bem como, as questões de poder que permeiam as relações entre os gêneros.

Os estudos de gênero se difundiram a partir dos anos de 1990, mas, até hoje, alguns(as) pesquisadores(as) mantêm a perspectiva da história das mulheres.

Os estudos de gênero não incluem só as mulheres, incorporam estudos sobre a masculinidade, tenho um livro (*Meu Lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*, publicado em 2000, pela Companhia Editora Nacional) e vários artigos e capítulos de livros sobre masculinidade.

Durante o doutorado, trabalhei o cotidiano das mulheres (majoritariamente imigrantes) dentro dos muros das fábricas, mantendo, interesses sobre as experiências femininas. Em 1992, tive uma oportunidade muito especial, participei do VI Concurso de Dotações para Pesquisa sobre Mulher, recebi uma bolsa da Fundação Ford/Fundação Carlos Chagas/SP. O grupo era interdisciplinar, sendo composto por psiquiatras, psicólogas, economistas, historiadoras, antropólogas, sociólogas, advogadas e pedagogas, realizávamos seminários periódicos, o que possibilitou um diálogo intenso. O meu projeto era sobre o Cotidiano Feminino em São Paulo e Santos, sobre as mulheres imigrantes, particularmente, as portuguesas. O desafio era dar visibilidade a presença das mulheres em múltiplas atividades do cotidiano e suas estratégias de sobrevivência, atuando como leiteiras, verdureiras, costureiras, bordadeiras, criadas, amas de leite, entre outras atividades. Como resultado tivemos várias publicações em coletâneas coordenadas pela Fundação; também escrevi artigos e capítulos de livro, mas, o produto mais importante foi meu livro *Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho*, publicado pela Edusc, em 2002, que aparece nos indexadores, como a minha obra de maior impacto. Foram crescendo as interlocuções, com uma bibliografia sobre a perspectiva do cotidiano (Michel de Certeau, Michel Foucault, Michel Maffesoli, Hans-Georg Gadamer, entre outros) e de gênero.

Na Fundação Carlos Chagas, conheci Cristina Bruschini, que estudava trabalho domiciliar feminino contemporâneo, tivemos grande identificação, minhas investigações contextualizavam historicamente seu tema de estudo. Juntas observávamos permanências através dos tempos, o trabalho domiciliar nunca deixou de existir, hoje, passa-se por um crescimento e expansão dessas atividades. Destaco que não é trabalho doméstico é trabalho domiciliar, que se faz no domicílio para fora visando um ganho.

A partir de 1992, tive a possibilidade de inserção internacional, fui primeiro à Argentina, apresentando minha pesquisa sobre os trabalhadores nas indústrias de sacaria, seu cotidiano de trabalho, lutas e resistências. Depois a Portugal, abordando a presença das mulheres portuguesas em São Paulo; era

uma atividade organizada pelas professoras Mirian Halpern Pereira, Maria Beatriz Nizza da Silva e Maria Ioanes Baganha. O congresso ocorreu na Fundação Calouste Gulbenkian, com pesquisadores sobre e/imigração portuguesa de todo mundo. Até hoje mantenho diálogo com a profa. Miriam Halpern, que desde esse primeiro encontro afirmava “precisamos de mais trabalhos sobre portugueses em São Paulo”.

A produção sobre a imigração em São Paulo é ampla e diversificada, envolve diferentes perspectivas analíticas: demográfica, social, política, cultural. Apesar do tema da imigração ser eleito na historiografia paulista, esta privilegiou certos grupos, como os italianos (sem dúvida quantitativamente expressivo), japoneses, sírio-libaneses e judeus; os ibéricos (portugueses e espanhóis), apesar da presença numérica, foram pouco estudados e até inviabilizados. Isso talvez ocorra, como já mencionado, porque o português se nacionalizava na segunda geração (que é o caso da minha família), também frente as dificuldades de identificação pelos nomes durante a pesquisa. Essa invisibilidade dos portugueses pode ser observada nos estudos sobre a presença imigrante nas lutas operárias e anarquistas que deixam a impressão de que todos eram italianos, mas, muitos eram portugueses e espanhóis, no porto de Santos, os ibéricos eram a maioria nas lutas anarquistas e nas ações grevistas do porto. A presença imigrante nesses movimentos políticos permite questionamentos sobre as diferenças e as tensões interétnicas (rivalidades entre italianos e portugueses). Com a preocupação de rever essas questões, que publiquei um livro pela Edições Verona, *Portugueses: ações e lutas políticas: Rio de Janeiro-São Paulo* (2015), em parceria com a professora Lená Medeiros de Menezes.

Os estudos de imigração marcaram minha trajetória, com prioridade para as mulheres imigrantes, recentemente, publiquei, em 2017, outro livro em parceria com Lená Medeiros de Menezes, no qual focalizamos as mulheres portuguesas no Rio de Janeiro e em São Paulo: *Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco Rio de Janeiro e São Paulo Séculos XIX e XX*, pela editora e@Manuscrito.

Na década de 1990, logo após a defesa do doutorado, participei de um projeto integrado com a professora Eni de Mesquita Samara, com apoio do CNPq, a temática era sobre as mulheres em São Paulo, tínhamos um grupo de bolsistas de Iniciação Científica e muitos(as) deram continuidade, fizeram

mestrado e doutorado, vários(as) trabalhando com as questões de gênero e imigração. Desse projeto, tenho vários escritos publicados dentro e fora do Brasil, gostaria de destacar a participação na edição espanhola da História das Mulheres (editora Taurus), dirigida pela Michelle Perrot e Mary Nash, na qual tenho um capítulo, em parceria com a Eni Samara, sobre o trabalho das mulheres imigrantes em São Paulo.

Em 1997, realizei pós-doc. na França, vinculado a um Programa CAPES/COFECUB, entre o IHEAL (Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, Paris) Maison des Sciences de l'Homme (Université Lyon II), IEB/USP (Instituto de Estudos Brasileiros) e a PUC/SP, a temática era história e cidade, no meu caso a proposta estava vinculada ao cotidiano urbano em São Paulo e Santos. Fiquei uma parte do período em Paris e outra parte em Lyon. Essa experiência me possibilitou interlocuções (Guy Martinière, Yves Lequin, Françoise Thébaut, Jean-Pierre Blay, entre outros) que me abriram novos horizontes e perspectivas, pesquisar a história dos portos comparadas (Santos), o que hoje, alguns denominam de história transnacional, e a história da noite. Essa abordagem esteve presente na minha trajetória: história da noite, da boemia e história e música.

Gostaria de lembrar que participei de outro Programa CAPES/COFECUB, tendo como temática História do Feminino (2001), compunham o grupo do lado brasileiro, as professoras Rachel Soihet, Joana Pedro e eu; na França, Michelle Perrot, Gabrielle Houbre, Françoise Thébaut, entre outras.

E: Foi com o pós-doc que a música entrou?

Maria Izilda: Sim, a história e música entrou como desafio para recuperar as sensibilidades boêmias, as experiências urbanas e a história da noite, já sob uma influência da História Cultural. Tive várias publicações nessa área, *Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues* (1996) e *Experiências boêmias em Copacabana: Dolores Duran nos anos 50* (1997), ambos pela Bertrand Brasil; *Ancora de emoções: Corpos, subjetividade e sensibilidades* (2004) e *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo de Adoniran Barbosa* (2008), estes pela Edusc. As questões sobre a imigração se mantiveram e foram sendo reelaboradas sobre diferentes perspectivas. Em 2005, eu fui convidada para participar de

um projeto internacional encabeçado pelo CEPESE (Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade) da Universidade do Porto.

Nesse período, tive uma aproximação com a professora Eulália Lobo, cuja obra sobre os portugueses no Brasil é uma referência. Eu conheci a professora Eulália nos anos 1990 nos encontros da ABPHE (Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica), ela era da direção e coordenava a revista desta associação. Em várias oportunidades participamos de bancas e mesas juntas, como no Real Gabinete de Leitura Português/RJ, quando eu apresentei minha pesquisa sobre o cotidiano dos portugueses no porto de Santos. Ela me estimulou muito a pesquisar sobre a presença portuguesa em São Paulo, ela era magnânima, sempre tinha uma palavra de estímulo.

Sobre o CEPESE, o coordenador o Professor Fernando Sousa, também teve a indicação do meu nome pela Eni Samara da USP. Quando fomos constituir o convênio, a professora Eulália já está doente e não pode participar, o grupo do Rio de Janeiro foi composto inicialmente pelas professoras Ismênia Martins, Lená Medeiros de Menezes, Gladys Ribeiro e Aníbal Bragança.

E: Mas aí nós já estamos em 2005.

Maria Izilda: sim. Foi, em 2005, que o professor Fernando de Sousa (CEPESE) buscou parceiros para um projeto sobre e/í migração portuguesa para o Brasil. Como disse, pela indicação da Eulália e Eni, ele chegou ao meu nome. O primeiro encontro ocorreu em 2005, no Rio de Janeiro, com os pesquisadores que citei e os que vinham de Portugal, lembro a presença do professor Henrique Rodrigues, de Viana do Castelo, que é um colega que admiro muito. Durante a pesquisa, analisando os dados sobre as entradas dos portugueses no Brasil, observei que depois do Rio de Janeiro e São Paulo, o Pará era o terceiro polo de entrada (muitos chegavam por Belém e depois se dirigiam para a Amazônia), assim, busquei integrar pesquisadores dessa região. Nesse período, eu coordenava um DINTER (doutorado interinstitucional) entre a UFPA (Universidade Federal do Pará) e a PUC/SP. Já tinha formado vários professores da UFPA pelo PICDT, o DINTER foi possível devido ao empenho das professoras Maria Nazaré Sarges e Iracy Gallo Ritzmann, na época Pró-reitora da UFPA.

Os colegas da UFPA foram muito receptivos, quando eu os convidei para participarem do projeto com o CEPESE, então se integraram à rede, destaco

os nomes dos professores: Maria Nazaré Sarges, Cristina Donza Cancela, Otaviano Vieira Júnior e Magda Ricci. Desde então houve um grande empenho destes colegas que organizaram um arquivo com ampla documentação e um Grupo de Pesquisa – RUMA.

A rede se expande para UFAM (Manaus). Eu orientei várias teses do Amazonas, fiz contato com esses colegas que se interessaram em participar, são os professores Maria Luiza Ugarte, Luís Balkar Peixoto Pinheiro e Paulo Marreiro dos Santos, que incorporaram temáticas da imigração portuguesa no Amazonas e depois da espanhola. Na UFAM também foram criados projetos, arquivos (sobre a imprensa imigrante na Amazônia, a documentação está toda digitalizada) e estimularam outros pesquisadores e alunos.

Assim, constituímos uma rede nacional de Norte a Sul do país, implementando pesquisa, constituindo arquivos documentais, estimulando jovens investigadores, produzindo novas dissertações e teses. Essa produção tem permitido observar diferenças e aproximações das experiências de imigração, perceber fluxos e redes.

E: Como foi esse processo de expansão do CEPES?

Maria Izilda: A partir de 2005, passamos a realizar encontros anuais, ora no Brasil ora em Portugal. O grupo foi se organizando no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na PUC/SP, a temática dos deslocamentos estava presente nas linhas do Programa de Pós-Graduação de História e eu convidei a professora Yvone Dias Avelino a se incorporar ao grupo, agreguei orientandos e ex-orientandos como Sênia Bastos (Universidade Anhembi-Morumbi), Elis Regina d'Angelo, Dolores Martin Corner, Alfredo Leitão, Felipe Katz, Camila Collpy, Leandro Gonçalves, Geny Brillas, entre outros. Também, busquei parceiros em Santos, tinha colegas na Universidade Católica de Santos – Wilma Terezinha de Andrade, Maria Suzel Frutuoso e Maria Aparecida Franco Pereira, que, constantemente, faziam referências a presença dos portugueses na cidade, todas se articularam à rede e estimularam outros pesquisadores e alunos. Em 2007, em conjunto com as colegas de Santos, organizamos o evento em São Paulo (PUC/SP e Católica de Santos), nesse momento, convidei colegas do Paraná (UFPR) as professoras Etelvina Trindade e Roseli Boschilia, e Maria Aparecida Pascal da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Também foram

agregados pesquisadores da Cátedra Jaime Cortesão, como o Paulo Gonçalves (Unesp). Os trabalhos apresentados nesse evento foram publicados no livro *Portugueses: deslocamentos, experiências e cotidiano: São Paulo séculos XIX e XX*, publicado pela Edusc, em 2013.

O grupo adicionou questões vinculadas às e/imigrações da Espanha e da Itália para as entradas no Brasil e também para a América do Sul, foi criado a REDE REMESSAS (Rede de estudos das migrações da Europa do Sul para a América do Sul). Assim, acrescentamos pesquisadores de imigração espanhola e italiana e a rede se ampliou para outros estados, convidei a professora Núncia de Constantino Santoro (PUC/RS), pesquisadora de referência sobre os italianos no Rio Grande do Sul. Dessa forma, expandimos a rede interinstitucional no Brasil e as articulações internacionais, incluindo a Universidade de Santiago de Compostela, Universidade de Roma e, também, a Universidade dos Açores. Considero importantes essas articulações, para as discussões comparativas das diferentes experiências de e/imigração.

Além da REMESSAS, gostaria de lembrar uma outra rede, denominada “A Vez e a Voz da Mulher Portuguesa no Mundo”, coordenada pela professora Manuela Marujo, da Universidade de Toronto/Canadá. Quando se celebrou os 50 anos da imigração portuguesa para o Canadá (2003), a professora Manuela organizou um congresso denominado “A Vez e a Voz da Mulher”, com o foco nas mulheres imigrantes. O evento tornou-se periódico (Berkeley, Brasil, Portugal (Lisboa, Porto, Açores), Macau, França) e foi articulando um número maior de pesquisadores e se constituiu em Rede. Recebemos o evento no Brasil, em Curitiba, na UFPR, que foi organizado pelas professoras Roseli Boschilia, Maria Luiza Andreazza e por mim. Esta rede é interdisciplinar, tivemos vários eventos, publicações e diálogo intenso e frutífero, que possibilitou conhecer melhor a presença dos portugueses na América do Norte, América do Sul (Venezuela e Argentina) e também na Europa (França, Bélgica, entre outros).

A rede “A Vez e a Voz das Mulheres” se desdobrou numa outra rede denominada “A Voz dos Avós” que estimula pesquisas sobre memórias e/imigrantes e História oral, visando a coleta de depoimentos e também a preservação da língua portuguesa em comunidades como Estados Unidos, Canadá e França, trazendo uma proposta política de manutenção das memórias.

Desde 2005, passei a priorizar as pesquisas sobre imigração, meu projeto de Bolsa de Produtividade de Pesquisa no CNPq passou a ser sobre esse tema. Gostaria de lembrar que sou bolsista do CNPq há mais de 30 anos, tive vários projetos e muitos orientandos com fomentos desta instituição, nesse momento atual, fico muito preocupada que o desmonte dessa instituição afetem a continuação e o desenvolvimento de novas investigações.

Tive e tenho muitos orientandos de mestrado, doutorado e pós-doutorado que são interlocutores importantes, aprendi muito com o acompanhamento dessas pesquisas. Orientei e oriento pesquisadores de diferentes estados, de Roraima a Santa Maria (RS), nem todas as investigações foram sobre imigração, mas, várias observam os deslocamentos de diversos grupos como: espanhóis, italianos, sírio-libaneses, judeus, bolivianos, ingleses, barbadianos, iugoslavos, ucranianos, austríacos, suábios, lituanos, russos, gregos, armênios e vários trabalhos sobre imigração portuguesa (de diferentes períodos e regiões de Portugal, envolvendo questões e perspectivas diferenciadas).

Essa diversidade de experiências de imigração com abordagens variadas tem contribuído para expandir questões e perspectivas. Nesses últimos 15 anos, a produção historiográfica sobre a imigração em São Paulo (e outras partes do país) foi ampliada e diversificada, grupos diferenciados de imigrantes foram estudados, observando as sociedades de partida, sob abordagens que envolvem questões demográficas, econômicas, políticas, da história cultural, do cotidiano, sobre as perspectivas da história da família, das crianças, de gênero, das sensibilidades e sensibilidade. Recentemente, a partir da documentação que tenho pesquisado – as cartas de imigrantes, escrevi dois artigos sobre Saudades, um em parceria com o professor Oswaldo Truzzi (publicados na *Revista Brasileira de História*) e outro com a professora Lená Medeiros de Menezes (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*). Também tenho novos artigos sobre as questões da alimentação, sabores e cozinha, tão presentes nas memórias afetivas de mulheres e homens imigrantes, uma questão emergente nas discussões sobre patrimônio e turismo.

As pesquisas têm se multiplicam, mas, em São Paulo, ainda priorizam a capital e o porto de Santos, mantendo-se o desafio de identificarmos a presença portuguesa pelos interiores do estado de São Paulo (pesquisa que desenvolvo em parceria com o professor Oswaldo Truzzi). Já foram implementados

estudos sobre o Rio de Janeiro e a Amazônia, precisamos agregar novas pesquisas sobre Pernambuco e Bahia, Recife e Salvador foram cidades que receberam número significativo de imigrantes portugueses, que tiveram papel importante no comércio e na cultura.

E: Como expandir os estudos de imigração portuguesa para espaços pouco visitados? E como promover uma certa verticalização, uma abertura para novos temas nesses espaços já muito visitados?

Maria Izilda: A produção historiográfica parte de questionamentos do presente que nos levam a visitar o passado. Os deslocamentos contemporâneos colocam questões desafiadoras como por exemplo observar exílios e refúgios, novos polos de partida e sociedades de acolhimento, também, o crescimento da xenofobia e das resistências/recusas aos imigrantes.

Sobre os portugueses e espanhóis, caberia discutir as questões do preconceito, do antilusitanismo, dos conflitos interétnicos e dos exílios (período Salazarista e Franquista), vários dos que vieram nos anos de 1940 e 1950 diziam “não somos imigrantes econômicos, nós somos imigrantes políticos”, assim, colocavam a questão do estatuto de exilados.

A temática das lutas antissalazaristas e dos portugueses que emigraram para o Brasil neste período necessita ser mais implementada (também a presença de intelectuais portugueses nas Universidades brasileiras e no jornalismo); bem como, os estudos dos que eram salazaristas e que migraram após a Revolução dos Cravos (1974).

Por um outro lado, hoje se enfrenta questões políticas marcantes, com destaque para as disputas pela memória, pela preservação de identidades e culturas. As comunidades imigrantes e seus descendentes vinculam a memória ao patrimônio da imigração, pensando o patrimônio sobre diferentes perspectivas e vivências (inclusive com as polêmicas articulações com o turismo). As instituições associativas dos imigrantes se assumem como locus de preservação identitária, cultural e das memórias da comunidade, sendo importante as pesquisas sobre as práticas associativas.

A primeira vez que tive um desafio nesse sentido, foi em 2007, quando fui procurada pela Casa dos Açores de São Paulo, eles alegavam que “os nossos

velhinhos estão morrendo e nós queremos preservar suas memórias, queremos quem, com competência, possa registrar essas histórias”. Assumi o desafio, constitui uma equipe com alunos bolsistas de iniciação científica, com a professora Maria Aparecida Pascal e efetuamos as entrevistas (que, depois de transcritas, foram devolvidas para os entrevistados e depositadas na Casa dos Açores). Mantivemos contatos com esta associação através de outras pesquisas realizadas pela professora Elis Regina D´Angelo e por mim.

Outras experiências surgiram, Casa da Ilha da Madeira e a Casa de Portugal. Essas investigações têm possibilitado exercícios comparativos entre essas associações, mas, seria importante observar o associativismo nos interiores de São Paulo e em Santos, também, em outros estados como o Rio de Janeiro, Pará, Amazonas, Pernambuco, até incluir experiências de organizações no Canadá, Estados Unidos e França, que poderiam desvendar as redes estabelecidas, as ações e influências do governo português (inclusive do salazarista) sobre estas associações.

Para o desenvolvimento das pesquisas, precisamos de novos esforços de coleta e organização documental, como: buscar por acervos privados de associações e famílias (diários, correspondências, memórias, fotos), ampliar os registros de depoimentos (banco de entrevista com a metodologia da história oral), reorganizar as fontes imigrantes em arquivos públicos no Brasil, em Portugal (listas de bordo e das hospedarias, registros de passaportes, entre muitas outras) e outros países da Europa, além de tornar essa documentação acessível aos pesquisadores (digitalizar e colocar em redes digitais).

Ainda precisam ser pesquisados grupos pouco lembrados (alguns com pequena expressão numérica) e deslocamentos contemporâneos (bolivianos, equatorianos, haitianos, venezuelanos, africanos, sírios, etc...), além de enfrentando novos questionamentos, temas e perspectivas para os grupos já estudados. As temáticas que envolvem a e/imigração nunca se esgotam, novas questões são/serão propostas permitindo visitar e interrogar o passado, questionar certezas historiográficas, redimensionar resultados e permitir novas descobertas.

Certas categorias têm iluminado e ampliado perspectivas, falei várias vezes da categoria gênero, mas, a categoria deslocamento tem aberto possibilidades. A própria noção de Rede que até pouco tempo não era referendada e que, recentemente, tem sido trabalhada com mais intensidade, permitindo

observar as redes familiares, de compadrio e de conterraneidade, redes intelectuais, artísticas e políticas, redes apoiadas pelo Estado e outras envolvidas em interesses particulares e monetários, estou pensando nos agenciadores. As categorias e noções de gênero, geração, deslocamento e redes, têm possibilitado interpretações múltiplas, variadas e diversificadas enriquecendo a visibilidade dos grupos e fluxos.

As investigações priorizam o Brasil como um país de recepção, contudo, cabe observar os fluxos de saída dos brasileiros para outros países europeus e para a América do Norte; bem como, fluxos entre Brasil e os países de língua portuguesa na África.

É importante que cultivemos as equipes, as redes de pesquisadores, não só pela necessidade institucional de internacionalização, mas, porque dinamiza o diálogo interinstitucional e interdisciplinar, desenvolve a capacidade de escutar e aprender com o outro, possibilitando o crescimento das análises de formas múltiplas e diversificadas.

E: E como essas redes estão funcionando?

Maria Izilda: Considero que as redes funcionam bem e se ampliam, possibilitam o diálogo e a incorporação de novos pesquisadores de mestrado, doutorado e pós doc.

Fiz menção a várias redes, mas, rememoro outras: uma que foi constituída através do ICA (Congresso Internacional de Americanistas), capitaneada pelos professores Elda Gonzalez Martínez (Instituto de História do Consejo Superior de Investigaciones Científica, Espanha) e Alejandro Fernández (Universidad de Luján, Argentina). Um outro grupo, a Associação Internacional AREIA da Universidade de Gênova, cuja mentora foi a professora Chiara Vangelista. A proposta inicial era constituir um arquivo audiovisual das imigrações entre Europa e América Latina (não só dos italianos), hoje tem um amplo acervo de depoimentos, entre os quais estão as entrevistas realizadas pela professora Núncia Santoro depositou com italianos no Rio Grande do Sul, eu enviei os depoimentos dos açorianos. AREIA realiza encontro periódicos que possibilitam um amplo diálogo.

Em termos nacionais, tanto na ANPUH Nacional como nas Regionais (São Paulo e Rio de Janeiro), organizamos Simpósios Temáticos (ST) articulando

estudiosos dos deslocamentos internos e internacionais. Professora Lená M. de Menezes e eu, bienalmente, organizamos um ST sobre o tema nos Simpósios da ANPUH/Nacional. Alguns pesquisadores frequentam esse ST regularmente, mas, recebemos pessoas desconhecidas, possibilitando estabelecer novos contatos e interlocuções, criando oportunidades de conhecer novos trabalhos, de ampliar diálogos e estimular novos pesquisadores. Lembro o caso de dois ex-orientandos meus de Roraima que frequentam a anos esses STs, no doutorado eles estudaram fluxo dos cearenses para Roraima, agora estão priorizando os venezuelanos nesse estado, discutindo as questões políticas de fronteira, a falta de políticas públicas de acolhimento e as tensões estabelecidas. No ST conseguimos discutir reflexões teórico-metodológicas, fazer exercícios comparativos, abrir possibilidades, interlocuções; os participantes se conhecem, reconhecem pontos de convergência e saem enriquecidos.

Ainda, cabe lembrar o LABIMI (Laboratório de Estudos de Imigração) da UERJ, capitaneado pela professora Lená e a Erica Sarmiento do qual faço parte, este laboratório articula pesquisadores do Rio de Janeiro, investigadores nacionais e internacionais.

E: Você teve uma participação no Museu da Imigração de São Paulo?

Maria Izilda: Sim. No início da pesquisa articulada ao CEPESSE ocorreu uma aproximação com o Museu da Imigração de São Paulo (Antiga Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo), devido ao acervo documental que estava depositado nesta instituição e que depois foi transferido para o Arquivo do Estado de São Paulo (se mantem cópias digitais no Museu).

Para o cruzamento dos dados das saídas de Portugal (pesquisados pela equipe do CEPESSE) com as entradas no Brasil, tinha-se um interesse nas Lista de Bordo, em São Paulo, do porto de Santos, que acabaram depositadas na Hospedaria dos Imigrantes. Essa documentação era consultada para fornecer a Certificação de Desembarque (documento necessário para demandar dupla cidadania).

No mesmo momento que iniciamos a pesquisa na Hospedaria (2007/2008), tinha uma equipe digitalizando as listas de bordo dos navios japoneses, era um projeto com subsídios do governo japonês (em 2008 se celebrou o

Centenário da Imigração Japonesa para São Paulo), este trabalho foi facilitado porque os navios só traziam japoneses.

Para pesquisarmos os portugueses nas listas de bordo, constituímos uma equipe (bolsistas de iniciação científica, professora Sênia Bastos e eu), mas, a dificuldade é que esses portugueses vinham em navios que traziam imigrantes de várias nacionalidades, que estavam misturadas nas mesmas listas. Com muito esforço, organizamos os dados de 1912. Neste momento, no Museu havia um outro projeto que trabalhava uma outra documentação imigrante, era coordenado pelos professores Odair Paiva e Maria do Rosário R. Salles, com apoio da FAPESP.

A presença de todos esses pesquisadores sensibilizou a administração do Museu da importância dos documentos, da necessidade de conservação e organização. A então diretora do Museu, Ana Leitão foi muito receptiva as sugestões de organização do acervo, ela se empenhou, construiu uma nova ala para acomodar adequadamente o acervo, constituiu uma equipe para limpeza, restauro e organização da documentação. Infelizmente, a gestão mudou; o museu ficou fechado durante anos e a documentação foi transferida para o Arquivo do Estado.

Naquele mesmo momento, os colegas do Rio de Janeiro iniciaram um processo similar junto ao Arquivo Nacional, visavam organizar, microfilmar e digitalizar as listas de bordo, conseguiram subsídios (acho que da Petrobrás). Com esforço e empenho de todos (pesquisadores e arquivos), hoje temos todas as listas de bordo (São Paulo e Rio de Janeiro) digitalizadas e disponibilizadas, restando um sistema de organização de dados que possibilite a sistematização e cruzamento de informações viabilizando novas análises e iluminando descobertas.

Hoje o Museu da Imigração de São Paulo tem uma nova gestão, com outra proposta museológica, toda *hightech*, buscando maior integração com os visitantes e mantém ações de integrar as comunidades imigrantes nas atividades da instituição. O Museu tem um setor de pesquisa com uma equipe empenhada, que desenvolve investigações para as exposições.

Em 2012, celebrou-se o Ano Itália-Brasil, para tanto organizei um Simpósio sobre imigração italiana, o evento ocorreu em São Paulo, na PUC/SP e no Rio de Janeiro, na UERJ. Conseguimos apoio do CNPq e da CAPES, que possibilitou a vinda de nove pesquisadores italianos e vários investigadores de

outros estados (Pará, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul). O evento foi muito enriquecedor e conjuntamente organizamos uma exposição sobre a presença italiana em São Paulo, no Conjunto Nacional, na Avenida Paulista. Também publicamos um livro sobre o tema, envolvendo a maioria dos participantes: *Italianos no Brasil: história, presença e cultura*, e@Manuscrito (2020).

Nesta ocasião convidei a professora Paola Corti, da Universidade de Turim, que é uma referência para os estudos de imigração, já apreciava sua obra e tive o prazer de conhecê-la pessoalmente. Paola Corti tem uma postura política muito atuante, não só academicamente, mas politicamente em relação a chegada de refugiados à Itália. Em 2014, fui convidada por ela para participar do Simpósio “Migrazioni ieri e oggi. Americhe, Europa e Italia a confronto 1945-2000”, em Salerno.

Foi nesta ocasião, em função de um convite da Unesco, que fui a Lampedusa, a experiência foi impactante, emocionante, despertando a importância política da pesquisa, novos desafios e rumos para futuras investigações. Permitiu perceber, a importância de se observar que não existe apenas a história dos estados nacionais estabelecidos, com suas fronteiras definidas, que é imprescindível observar os deslocamentos e os deslocados, que precisamos investigar para além de muros e fronteiras. É isso que me move a enfrentar o árduo trabalho da pesquisa, esta atividade que envolve o intelecto, mas, também o corpo, o coração e as emoções. É essa a mensagem que sempre deixo para os meus alunos, orientandos e jovens pesquisadores, faça o que te envolve, incomoda e desafia, mas, faça com emoção.

E: Queríamos agradecer demais à professora Maria Izilda, foi uma entrevista muito importante. Foi uma verdadeira aula.